

COLORIDO INTERIOR

Walter Trinca*

* Psicanalista
(Membro
Associado da
Sociedade
Brasileira de
Psicanálise de
S. Paulo e da
International
Psychoanalyti-
cal Association)
e Professor
Titular pelo
Instituto de
Psicologia da
Universidade
de São Paulo.

Para muitas pessoas, o espetáculo da natureza assemelha-se a um sonho colorido. Elas se extasiavam descobrindo a verdadeira existência da natureza na grandeza e na finura de seus processos. Às vezes, conseguem captar em expressões prodigiosas essa imensa e maravilhosa obra, que se irradia com fulgor imaterial. Nessa radiância, cada ser animado ou inanimado é banhado por uma luz, um colorido, uma música, uma fragrância que ressaltam a sua beleza e a sua harmonia. Em encantos, a natureza parece gostar de nos seduzir docemente. Basta apurarmos os nossos sentidos para as coisas simples do dia-a-dia, como a luminosidade do sol, o aroma das plantas, a imensidão dos espaços celestes, os pássaros que se abrem para suas melodias, os bosques ensombreados, a água corrente dos riachos, as flores, as nuvens, as tempestades, os trovões distantes e uma infinidade de outras coisas. Podemos retirar da visibilidade dos seres uma emanção que os recoloca no lugar sublime que ocupam.

Em certos momentos, cada coisa parece apresentar um quê de inefável e espiritual, que está no fundo e na aparência dela mesma. Num ramo, numa pétala caída, numa borboleta, num tufo de plantas, num animal, numa pessoa, em tudo há algo que se manifesta,

comunicando a radiância do mundo. São momentos em que tocamos com a mente pura um mundo igualmente puro. Parece que vivemos, então, na atmosfera límpida de uma manhã serena de sol, sob nuvens esparsas de um céu anil. O planeta está desperto e colorido. Há musicalidade no ar. Os pássaros cantam, festivos. A mente aberta, o coração infinito!

Não é sempre que isso acontece. Há circunstâncias apropriadas. Nessas ocasiões, a fisionomia da natureza se transmuda e se irradia. Mostrando seu rosto, sorri. A realidade circundante adquire feições transfiguradas. Vemos o mundo em feitio original, primordial – que se desvenda por baixo da capa da mesmice e da vulgaridade.

Resgatamos a natureza em sua fisionomia incontaminada e livre não só das intervenções humanas, mas, sobretudo, da própria maneira de ser concebida pela mente humana. Através de nós, readquire significados que ressoam de fontes profundas. Separada das fulgências que a recobrem, a natureza em sua essência é colorida e deslumbrante. Retirando um véu prismático que nos envolve e abrindo-nos ao que existe além de nosso egocentrismo, de nosso narcisismo, de nossos anseios e temores, sabemos o que significa contato com a totalidade cósmica, da qual fazemos parte, extraímos vida e alento espiritual.

A natureza reflete em nós a sua radiância, tornando colorido o nosso espaço interno. O refinamento que nela existe aguça-nos a sensibilidade. Ao sentirmos a sua existência e a sua relação conosco, nós nos integramos em intimidade com ela. Um universo evanescente repercute diretamente em nós, não maciça e concretamente, mas de modo volátil, sutil e primoroso. Ele surge em pinceladas coloridas dentro de uma conjuntura imaterial. Lá fora, vemos um canteiro de jardim ensolarado. Aqui dentro, no espaço mental, se instala um cantinho colorido, onde três ou quatro plantas floridas refulgem como pedras de topázio, quartzo e brasilianite. Ramos e folhas deslizam nesse espaço aberto na mente. A mente alarga-se para acolher a radiância do mundo. Ao mesmo tempo, para a mente, o mundo se alarga e se sutaliza. Não mais nos sentimos fechados no tempo presente, nem emparedados nas disposições sensoriais. Sorvemos espontaneamente para dentro do peito a claridade, que ilumina o interior, e as cores, que se depositam como objetos de tempos perenes, sem memória.

Somos um meio privilegiado de ressonância da vida multiforme e encantadora existente em toda parte. Tal sensibilidade apreende a

sutileza das coisas deste mundo que se transfiguram, no sentido de que oferecem suas qualidades polimorfos de encanto e grandeza. Tornamo-nos receptores ativos de cada forma, cada movimento, cada vibração que contém uma parcela da transfiguração do mundo. Tudo depende das condições reinantes na interioridade do ser humano.

No entanto, somos espaço para existência de uma obra de beleza, e não uma simples refração da estimulação dada pelos sentidos ou pela memória. Uma ramagem amarelo-ouro brilhante e bela transforma-se numa obra de arte em nosso espaço mental. O interior recolhe o exterior transfigurado, de modo que se forma um universo interno de cores, cuja origem, sem dúvida, é a natureza; todavia, uma natureza mudada, ressaltando sua beleza quente e expressiva. Um encontro de duas profundidades: a do mundo e a do sujeito percebedor. Este se encontra tingido de um amarelo-ouro que apazigua e perfuma o espírito.

A melhor paisagem é aquela que deixa traços indeléveis em nossa alma, penetrando-nos docemente. Vem para dentro de nós tão natural e simplesmente quanto recebemos em casa um velho amigo, que traz paz ao coração. Esse colorido nos habita, somos a sua morada. Nesse caso, estamos no limiar de uma outra realidade, em que as cores esmaecidas e diáfanas, todas elas simples e puras, quase inexistentes em sua intangibilidade arredia e em sua diluição não-invasiva, se fazem presentes como cores de sonhos longínquos e como esperança de um mundo que está no horizonte de nosso porvir.

Quando há sentimentos de presença de vida, podem surgir no fundo remoto da mente pigmentos coloridos. São pontos de cores finas, leves e delicadas, que geralmente se expandem, dando uma textura macia ao espaço mental. De início quase imperceptíveis, esses pigmentos se arranjam em formas mais definidas, como botões e florzinhas, mas a atmosfera e o perfume que deixam fazem acreditar que estamos diante da matéria-prima original da alma. Vindos de fora, da existência colorida e bela do mundo, instalam-se como sentimentos coloridos, dando uma nova disposição interna à percepção e à compreensão da realidade. Criam uma arte interior que não está nos olhos, nem no intelecto, mas no coração. Nós os sentimos nas cores de um dia claro, na visão suave do oceano, nas ternas cintilâncias das flores...

O espaço interno colorido pode ser tanto o efeito quanto a origem de um apuramento psíquico que nos predispõe às sutilezas da realidade. Mas o que importa é a formação de uma matriz colorida, a partir de que a interioridade se alarga em beleza. Ainda que informe e indistinta, essa matriz constitui um dos fundamentos da nossa condição para nos relacionarmos de forma estética (Trinca, 1988).

Ao se expandir, a matriz interior produz ondulações coloridas, sem perder sua qualidade etérea e fugidia. Quando há formas coloridas mais fortes, elas não distam da nebulosidade colorida dos sonhos na luz serena que tudo banha. Um festival de cores aproxima-se “da irisação colorida” de que fala Cézanne (Gasquet, 1926): a variação das cores transbordantes, que estão ali para dar a tônica e o calor harmonioso ao quadro.

Em vez de ser plano, esse espaço estético é tridimensional. Os fenômenos fazem sentido em um espaço mental que responde isomorficamente às características gerais da percepção do espaço externo. Contudo, a autonomia relativa daquele é mais do que evidente, quando se trata de suavizar e adocicar a nova e particular relação com o mundo externo – uma relação estetizante. Parece que nos liberta do ofuscamento perceptivo que é dado pelos condicionamentos. A nova relação traz uma experiência perceptiva distinta da habitual, que pode mudar a qualidade de todo o nosso vínculo com a realidade. Dá-se uma transformação mental da experiência vivida, podendo ter larga repercussão no processo global de hominização.

Dentro de nós, imagens coloridas flutuam em atmosfera imaterial, como figuras de um universo risonhamente encantado e distante, ressaltando-se a beleza soberana num momento imperecível de sonho e meditação. Vibram acordes profundos deste mundo em que vivemos, não como enfeites ilusórios da imaginação doentia, e sim como emanção real e culminância do labor de milênios. O nosso interior é nacarado como as conchas, é jardim de flores desmaiadas com predominância rósea ou é luz refletida de um espantoso vitral. Enche-se de vida, vibração e alegria, como se nos inflasse os pulmões de ar puro. Uma vivificação da alma!

A forma nesse caso não conta muito, e sim a sutileza das nuances de colorido que indicam o grau de refinamento alcançado na captação do mundo. Cores suaves e amáveis, cores de ternura hospedam-se no peito daquele que se dispõe a isso em meiga penetrância, que contém uma interioridade em brandura e doçura e que conhece a arte do

encanto de viver. Nesse enternecimento, ele recebe do mundo os sons, a vibração, a luz, as cores, a fragrância, tudo enfim, de tal modo que distingue as expressões mais doces e suaves da natureza, a qual se mostra aguda e afinadamente.

Chegados a este ponto, podemos realmente perceber o mundo, porque a nossa relação com ele se faz por intermédio do colorido interior. Entre nós e o mundo se estabelece um fluxo vigoroso de vibrações e de secreta intimidade. Retiramos da preciosidade de cores e brilhos uma visão de mundo fecundada pelo novo ponto de partida do olhar. Assim, alteram-se sensivelmente a percepção e a compreensão dos fatos, tornando-se mais vivos significativos. Adiciona-se um novo fator responsável pela ampliação da relação, o qual anteriormente não estava presente ou não vinha sendo utilizado.

Freqüentemente, na percepção, o aspecto das coisas aparece como se fosse uma pintura. Se permitimos nos entregar à espontaneidade fluida e gasosa do universo, levamos nossa mente a descobrir os encantos da natureza. Tendo o espaço mental colorido, leve e cheio de frescor, somos conduzidos à etérea receptividade da arte e, como um todo, estamos sensíveis e intuitivos em relação ao que nos cerca. Priorizamos determinados aspectos desse encontro. Certos gestos das pessoas, assim como a sua linguagem oculta, as cores da alma, os movimentos do corpo ressaltam aos nossos olhos, como que saindo da invisibilidade e adquirindo significação. Os animais, as plantas, as pedras, o mundo ao redor, transfigurando-se, passam a ter um colorido, uma luz, uma harmonia, uma pureza que antes não pareciam possuir. Descobrimos a “verdadeira” cor de uma flor, de um galho, do céu, do mar por esse novo olhar da mente. Começamos a experimentar a beleza do mundo transparecida no sol, na montanha, na vegetação, na chuva ou numa simples goteira.

Desse modo ficamos sabendo que há sentidos no mundo que nos compete descobrir e que a nossa interioridade é a fonte dessa descoberta. Para conhecermos mais a fundo o que existe, devemos nos expandir para uma serena disposição mental que se encaminha a encontrar a serenidade do mundo. Tal atitude é uma disponibilidade para contato, mediante a qual a vida interior se dirige à profundidade da vida. O colorido interior “catexiza” a descoberta da realidade exterior transfigurada e mais profunda. Ele não a inventa ficticiamente, nem é feito por devaneios, projeções ou alucinações.

Podemos encontrar melhor o que está fora, no mundo externo, se o mundo interno estiver aprimorado. Se encontramos fora aquilo que estamos aptos a reconhecer em nosso aprimoramento interior, então, obviamente, sabemos perceber melhor o que está fora. É preciso que haja primeiramente condições (ou precondições) de percepção e de compreensão. Esse fato vem alterar essencialmente a nossa relação com a natureza. As flores têm para nós o significado e a importância de uma visão transfigurada, quando estamos inteiramente em condições de contato com a sua radiância. Nesse caso, o padrão habitual não sobrepujará o contato com a realidade mais sutil.

Devemos refinar o “instrumental” de contato, que é o mundo interno. Se há insensibilidade, é porque a fonte interna não foi tocada. Não encontrará espiritualidade na natureza quem não puder desenvolver internamente o sentido de uma relação espiritual com ela. O espaço interno colorido revela os ingredientes fundamentais da natureza, até o ponto de seu desvendamento espiritual. Uma das funções mais nobres e delicadas do ser humano é desenvolver e cuidar desse espaço. Um ser humano verdadeiramente sensível atinge o encontro das duas profundidades: a de si próprio e a do mundo.

Há no seio da natureza uma contrapartida da mesma coisa sutil, refinada e profunda que existe no espírito humano. O significado que a natureza possui está nela, mas devemos nos elevar à sua altura para alcançá-lo. O pintor que se esmera em pintar o que a sua alma lhe diz, pode estar revelando o seu sonho mais feliz: a descoberta do seu sonho nos sonhos do próprio mundo. Isso não representa, necessariamente, a fé em outro mundo espiritual por trás do nosso mundo real. Se a mente possui as condições internas necessárias, ela apreende a espiritualidade diretamente da relação com este mundo em que vivemos. Assim, participamos da transcendência: as cores da alma banham a natureza e esta resplandece em sublimidade.

A apreensão de qualidades delicadas, expressando-se por grande finura e penetrância, mostra-nos uma luz espiritual em cada coisa, quando essa luz realmente existe. A pureza do colorido interior em sua matriz imaterial faz parte de nosso ser profundo, por isso nos voltamos para fora em nova dimensão psíquica, desde um vértice imaterial desprovido de memórias e desejos. O ser interior, nessas condições, isenta-se o mais possível de sensorialidade (Trinca, 1991).

Os sonhos do mundo penetram a mente: a luz e as trevas, o visível e o invisível, o fundo das idades, o tempo sem tempo. As expressões

reais do mundo são, ao mesmo tempo, sonhos de gritante incorporeidade, que nos fazem sonhar. Em nossos sonhos acordados, somos detentores desses sonhos do mundo; em nosso colorido interior, somos unificados com a radiância do mundo. O exterior e o interior não são senão uma unidade, uma coisa única. O claro espelho do coração não tem fora, nem dentro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Gasquett, J. – *Cézanne*. Paris, Bernheim-Jeune, 1926.

Trinca, W. – *A etérea leveza da experiência*. São Paulo, Siciliano, 1991.

_____. *A arte interior do psicanalista*. São Paulo, EPU/EDUSP, 1988.

Walter Trinca

R. João Moura, 627 - 6ª - gj 61

Tel/Fax : (011) 853.9176